

Joaquim de Alencar e Silva
*Trechos do Discurso de posse na Cadeira n.º 23,
de Cruz e Souza, em 07.08.1992*

"No princípio, como agora e por toda a eternidade, era, é e será sempre o verbo a fazer luz em nosso espírito. Qualquer que seja o caminho, a vereda ou a estrada real que tomemos para o périplo que a cada um de nós cumpre realizar em torno de nossa existência, fim torno de nós mesmos e de nossas circunstâncias. E sempre o verbo, é sempre a palavra, em seu mistério fundamental, a difundir e a fazer brilhar os seus dons em nossa indumentária carnal, a abrir-nos os olhos para a beleza e as maravilhas da Criação e a iluminar-nos o espírito para as cogitações do Criador, como que a preparar-nos para o sonhado instante supremo em que nos seja dado dialogar com a Divindade e assim consumir o nosso aprendizado no Planeta azul.

Nesta noite, Senhores, uma conjugação maravilhosa de luzes preside o meu ingresso nesta Casa. Refiro-me às três luzes que se reuniram, sob o influxo misterioso da Graça, nas figuras excepcionais de Cruz e Souza, Nunes Pereira e Max Carpentier, como que para iluminar-me o pórtico da imortalidade acadêmica, ao elarão protetor do renome e do prestígio que deles se derrama. Com efeito, venho ocupar nesta venerável Academia a Cadeira n.º 23, que tem como patrono o Poeta Cruz e Souza e como seu fundador e único ocupante, até hoje, o insigne Nunes Pereira, também poeta e escritor e emérito pesquisador da vida dos índios e das florestas. [...] E eis que eu descubro, Senhores Acadêmicos, diante de vós: Quem é o vulto que me acompanha? [...] Esse vulto, Senhores, que me acompanha, é o do Ideal que desde a minha juventude, com a sua energia impulsionadora, tem-me guiado todos os passos, ora mergulhado nas sombras, desbravando a selva escura da nossa vida, ora cruzando os altiplanos iluminados, em direção ao belo, ao bom e ao verdadeiro, ou numa palavra, em direção a Deus, suprema razão de nossa existência, alfa e ômega, princípio e fim de todas as coisas, sistemas e diásporas de tudo o que vive, se move e aspira ao retorno ao seio do seu Criador. Longos foram os dias e as noites que caminhamos juntos. Muitos foram os ventos que enfunaram as velas do barco em que nos fizemos à aventura das mares, à aventura da vida. Ideal que jamais me abandonou. E que hoje, enfim, chega comigo a esta noite, a este porto, a este cais. Para ensinar-me a recolher as velas? Não. Por certo que não. Mas, ainda e sempre, para aprendermos lições de partidas. Para a elaboração de outros roteiros. Para a infundável viagem que só terminará quando houvermos consumado a nossa experiência e o nosso aprendizado do Planeta Azul. Com a graça de Deus. Muito Obrigado."

Max Carpentier
*Trechos do discurso de recepção na academia
Joaquim de Alencar e Silva, em 07.08.1992*

"Uma inteligência inefável dirige as instituições mais elevadas do homem. [...] Nesta noite, essa inteligência, que mantém de pé as torres de vigia da sociedade, sopra sobre nós sua aragem vitalizadora, e dá-se então, e transcorre magnificamente entre nós mais um sopro do Espírito. É que chega para ficar, em nossa Casa, o nosso irmão e irmão de todas as luzes, o poeta Alencar e Silva. [...] Trata-se de um homem peregrino, silencioso, pausado, como se tivesse passado a vida a caminhar sobre as lajes de lugares sagrados, entre anjos adormecidos. Mas percebendo tudo do universo que o rodeia, porque seus olhos têm ânsias de atingir todas as essências. Mas elevando-se acima das perplexidades da vida, porque nasceu semelhante a um pássaro, dotado de asas e de canção no peito. Mas calçando sandálias que, se tem a duração de pervagarem o mundo e, ao mesmo tempo, a doação de se irem ficando pelos caminhos, são sandálias dos desertos da revelação. São sandálias de apóstolo. Apóstolo da Poesia, que é o rito mais íntimo de todas as religiões. E como o poeta é cidadão do mundo e está em todas as latitudes, a luz do sol, mesmo nas noites fundas, jamais se afasta do seu rosto. E como o poeta fala do sentimento das coisas, é pela sua língua que nos comunicamos com as dimensões invisíveis. E como o coração do poeta, no plano terreno, é um refúgio das dores, ele pode dizer que todos os céus "se despejaram nos seus olhos", isto é, que deixou que as dores transitassem no seu coração e vazassem pelo seu olhar. [...]

Alencar e Silva pertence a essa corporação restrita de reveladores-salvadores do divino-humano, dos que, esperançosamente sós, se fortaleceram e se consumaram, e se aceitaram majestosamente tristes, sabiamente sombrios, numa estratégia apostolar milimetrada, para poderem preparar, a partir mesmo do cerco das sombras, a hora da alegria. [...] Este é um momento importante para os seus amigos nesta Casa, para todos quantos tem a felicidade de conhecê-lo e de viver com ele nas dobras do seu canto como sob as asas de um pássaro imortal. A glória de Alencar e Silva é a de salvar a sua alma ao mesmo tempo em que distribui a beleza para nós. Ele aprendeu o sentido da fraternidade do canto, e, assim, de sua canção participam todos os homens, a lua sua irmã, o sol seu amigo, o rio da sua infância, o mar das suas naveas perdidas e o seu sonho e a sua vida, tudo afinal vitorioso, tocado pela Alegria, que é o nome do sol de Deus! Sé bem-vindo, Poeta!"



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918

Boletim Informativo

Ano XC - n.º 9 - setembro 2011 - Edição Especial

Diretoria da AAL

Presidente
José Braga

Vice-Presidente
Tenório Telles

Secretário-Geral
Almir Diniz

Secretária-Adjunta
Carmen Novoa

Tesoureiro
Arlindo Porto

Tesoureiro-Adjunto
Abraham Baze

Diretor de Patrimônio
Moacir Andrade

Diretor de Promoções e Eventos
Cláudio Chaves

Diretor de Edições
Marcus Barros

Conselho Fiscal
Lafayette Vieira
Armando Menezes
Francisco Gomes

Sapienter
Antonio Loureiro
Mário Ypiranga Neto
Euler Ribeiro

Editora do Boletim
Rosa Brito

Repousa o andarilho

"Cantar de Andarilho

*Não tenho pátria
determinada
nem tenha pressa
nesta jornada
só esta sede
que têm meus olhos
de ver e ver
e este incontido
impulso de asas
sobre meus pés"*



Domingo, 25 de setembro de 2011. Repousa o poeta Alencar e Silva, Caminhou sem pressa, com suas "sandálias de apóstolo da poesia", como disse Max Carpentier ao recebê-lo nesta Casa na noite de 7 de agosto de 1992. No dia 21 de setembro corrente completara 81 anos o peregrino. Existência exemplar, dezenove anos entre nós a cobrir de luz a Cadeira 23, de Cruz e Souza. Sabendo-o enfermo, fui ao Rio de Janeiro levar o conforto dos pares, visitando-o no dia 10 deste mês no Hospital Silvestre, em Santa Teresa, onde convalescia cercado do afeto de Nair, esposa extremada; Epitácio, Rita, Cecília, Hilma e Saulo, filhos dedicados, e os netinhos amorosos. Pedi-lhe para editar pela Academia a seleção de seus poemas, livro que os filhos organizaram com o auxílio de Jorge Tulic. Emocionou-se. Beijei a fronte do poeta. Restava-nos a esperança! Tomado de grande tristeza, voltei ao Rio no dia 25 para o adeus ao andarilho no seu voo à eternidade. Bernardo Cabral, querido amigo e confrade, viveu comigo a emoção da derradeira homenagem. Repousou o poeta serenamente, mansamente como caminhara, deixando-nos, imortalizada, obra extraordinariamente bela, luminosa! A Academia Amazonense de Letras dedica esta Edição Especial do Boletim Informativo à memória de Alencar e Silva, solidarizando-se com a família nesse momento de dor e de saudade.

José Braga, presidente

Nota de Pesar

Profundamente consternada, a Academia Amazonense de Letras cobre-se de luto com o falecimento do Acadêmico Joaquim de Alencar e Silva, membro titular da Cadeira nº 23, de Cruz e Souza. Uma enorme perda para o pensamento e as letras de nossa terra.

À família, os sentimentos de pesar.

Manaus, 25 de setembro de 2011.



Adeus a Alencar e Silva

“*Jorge Tufic*

Hoje, dia 25 de setembro de 2011, se aparta de nós o poeta-irmão Joaquim de Alencar e Silva (o Neto, como sempre foi chamado), e, em seu lugar, nesse Rio de Janeiro que ele tanto amara, fica a primavera recém chegada, somando às flores do seu velório uma galáxia de bulgaris, e crisântemos, numa festa também de rosas ao lírico de LUNAMARGA e tantos outros livros de sua autoria. [...] Para mim, que devo tudo o que sou a ele, no que tange ao saber e o aprendizado das letras, [...] a notícia dada pelo Max e Izabel, pelo telefone, encontrando-me eu ausente de casa, conseguiu nos abalar como se o mundo acabasse de ser atingido por aquele meteoro de que nos fala Henri Klíbnik, autor de «La Grande Peur de Lan 2000». [...] Alguns meses antes, [...] estivemos juntos, ajudados pela Hilma, sua filha, na escolha de 200 sonetos de todos os seus livros, para futura publicação, cujo prefácio escrevi, tomado por uma alegria e um orgulho imensamente juvenis, chegando a sentir-me azul diante desse mistério narcísico, segundo uma parábola de Oscar Wilde, em que o discípulo se vê como se fosse o mestre, olhando-se em seus olhos.»



“*Max Carphontier*

...Alencar e Silva tinha a consciência de sua angelitude. Ele vibrava quando, ao recitar o seu Cantar de Andarilho, confessava “este incoñtido impulso de asas sobre meus pés”. Andanças de anjo, exílio benfazejo na transitoriedade amarga. Harpas alternadas conjugando a alegria de portador da palavra do Mistério e a saudade da Origem. Agora, com os olhos mais aptos à contemplação pelo efeito do relâmpago de eternidade que o fez retornar, podemos avaliar essencialmente e agradecer melhor o presente de sua vinda.

Agora frequentemos com a ternura maior da gratidão as dimensões sagradas que nos revelou na beleza salvadora da poesia.”

“*Almir Diniz*

Poucas horas do passamento do Neto eu lia seu magnífico depoimento histórico e sentimental intitulado “Quadros da moderna poesia amazonense”. Quedei-me comovido, a alma impregnada do constante cachoar de beleza estética borbotando dos ensaios integrantes de seu famoso depoimento, relíquia historiográfica, ao modo de testamento literário que ele, como esbanjador de belezas nos doou, antes de sua partida para juntar-se, no Arcótipo celeste, a tantos outros colegas acadêmicos que o precederam nessa viagem de saudades.”

“*Bernardo Cabral*

E o poeta partiu... Convivo com Alencar e Silva desde os idos de 1960, na redação de A Crítica, onde sua inteligência e sensibilidade de poeta eram escauradas. [...] Nunca nos perdemos de vista. Era um poeta universal, ultrapassou todas as fronteiras – as terrestres e celestiais – cronista de rara intuição, advogado sempre voltado para os aspectos sociais e culturais, e que jamais perdeu a fé, o ânimo, a esperança de que a bandeira da ética, da dignidade, estivesse sempre desfraldada ao sabor de todas as intempéries. Os livros em dedicatória fraternal a mim entregues (Lunamarga; Território Noturno; Sob o Sol de Deus; Ouro, Incenso e Mirra e Solo de Outono), com acabamento do verso e com o idioma escoreito, têm o encontro marcado com a posteridade. [...]”

“*Antonio Loureiro*

Alencar e Silva, além de sua sensibilidade poética, destacou-se na direção do Diário Oficial do Amazonas quando da criação do seu caderno literário. Nele, com ajuda de Jorge Tufic, iniciou a abertura, a democratização das letras, no nosso Estado, então reserva inocável de uns poucos donos do vernáculo e da história. Daí para frente barreiras foram vencidas, novos caminhos percorridos, e todos deixamos de temer os grandes senhores das letras e das ciências, que impediam os seus florescimentos, por falta de Amor e Liberdade.”

“*Cláudio Charet*

Há quem construa na trajetória da vida uma história de amor e dedicação à poesia. Alencar e Silva pode desde há muito tempo ser reconhecido como exemplo de dedicação à literatura. É nesse apostolado de eleitos, que coube a ele com a grandiosidade de sua obra, do seu talento e do labor humano, a inexplicável arte de produzir poesias. Viveu e venceu todas as lições que a existência lhe impôs cotidianamente e cumpriu com altivez e dignidade a sua passagem entre nós.”

“*Marilyne Corrêa*

Grande perda para a Academia Amazonense de Letras e para o mundo da cultura. Sua obra, seu legado, no entanto, continuarão entre nós.»

“*Armando Menezes*

Joaquim de Alencar e Silva, mais antigo do que eu na Academia Amazonense de Letras, jamais participamos, juntos, de uma reunião no Silogeu. Passando a morar no Rio de Janeiro, foi em uma das poucas vezes que, vindo a Manaus, o encontrei na entrada da Drogaria Angélica, do “Boulevard Álvaro Maia” [...] Foi a última oportunidade que o vi pessoalmente, pois os contatos seguintes ocorreram via telefone ou para cuidar de assuntos referentes à Casa de Péricles de Moraes ou para felicita-lo pela passagem do seu aniversário natalício, como aconteceu, pela última vez, a 21 de setembro de 2010, quando tive a felicidade de felicita-lo e também aos queridos e eminentes confrades, Bernardo Cabral e Max Carphontier, os quais se encontravam em seu apartamento para, igualmente, abraçá-lo. Que Deus tenha no seu Reino esse filho de Fonte Boa, um dos maiores ensaístas e extraordinário poeta amazonense.”

“*Arlindo Porto*

Levado pela mão benfazeja daquele que, dos paramos celestiais, dita o destino dos que nele depositam a sua crença, já não mais se encontra em nosso plano de existência, a figura bondosa de Joaquim Alencar e Silva. Que as plagas celestiais sejam para ele um novo e amado lar.”

“*Aivaldo Buzzi*

Alencar e Silva, advogado e jornalista, foi um intelectual de escol e deu notável contribuição à literatura. Na Casa de Adriano Jorge, como consagrado cronista e ensaísta, imortalizou o pensamento como ocupante da cadeira nº 23, por dezenove anos. Obras de sua autoria como, por exemplo, *Sob o Sol de Deus, Noturno após o Mar, Poesia Remida, e Ouro, Incenso e Mirra*, dentre muitas outras, são imperiosas à ilustração dos que se dedicam ao deleite da leitura. Deixa muitas saudades e uma lacuna no Sodalício.»

